



O despertar
da borboleta



UBALDO

O Despertar da Borboleta

Copyright © 2025 por Laila dos Santos

Publicado por Editora Ubaldo

Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de nenhuma parte deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização do autor. Mas não é necessária solicitação de autorização para compartilhar pequenos trechos ou divulgar a capa nas suas redes sociais, nem para contar para seus amigos como este livro é incrível.

A editora não é responsável pelo conteúdo deste livro.
O autor conhece os fatos narrados, pelos quais é responsável, assim como se responsabiliza pelos juízos emitidos.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

S237d Santos , Laila dos
1. ed. O despertar da borboleta / Laila dos Santos ;
coordenação André Ubaldo ; ilustração Rogério Reis de
Barros. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Editora Ubaldo, 2025.
106 p.; 14 x 21 cm.

ISBN : 978-65-00-40808-8

1. Mulheres – Biografia. 2. Mulheres - Memórias
autobiográficas. 3. Mulheres – Histórias de vidas. 4.
Narrativas pessoais. 5. Superação. I. Título.

04-2025/12

CDD 920.72

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Biografia 920.72

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129



website: www.ubaldo.com.br
e-mail: editora@ubaldo.com.br
Facebook: [editoraubaldo](https://www.facebook.com/editoraubaldo)
Instagram: [editoraubaldo](https://www.instagram.com/editoraubaldo)



**É impossível compreender o presente
sem revisitar o passado.**

Laila dos Santos

APRESENTAÇÃO

Meu primeiro encontro com a Laila foi em uma palestra que ela ministrou para minhas turmas de EJA. Suas palavras inspiraram as alunas fazendo seus olhos de mulheres sofridas e periféricas brilharem e se encherem de esperança. Era o início de uma amizade pautada na admiração e no respeito, logo, fazer a revisão do seu segundo livro, *O Despertar da Borboleta*, foi como ganhar um presente: o privilégio de ler antes de todos essa história de vida que, com certeza, vai inspirar muitas outras pessoas. Uma leitura genuína e rara de se ver em nossos dias.

Para apresentar a vocês essa obra recorro à Mnemosine que me trouxe a lembrança prazerosa do que foi ler esse livro. Eu, que fui uma menina que cresceu na roça correndo descalça pelas ruas e brincando de pique-pega, subindo em árvores e soltando pipas, me enxerguei nesse livro e nas relações de amor e admiração da autora pelo seu pai. Ri de suas alegrias, senti suas dores e tristezas, compartilhei de suas revoltas e me inspirei na sua esperança. Conheci em suas páginas a Laíla menina, vibrante, cheia de vida e já indignada com as injustiças sociais e vi além do sorriso dela, a Laíla mulher, forte, guerreira e aplaudida de pé na TEDx.

Esta obra é mais que um simples livro. É um legado de conscientização e esperança. O casulo se abriu e a borboleta despertou linda e esplendorosa. Não fosse os apertos que passou enquanto estava nele não teria toda essa experiência para nos ensinar e inspirar e, por isso, toda mulher, seja ela negra, branca, parda, independente da classe social ou status que possua, precisa ler esse livro e se colocar no lugar da Laila para entender que *O Despertar da Borboleta* não tem a ver só com sair do casulo, mas com fazer a diferença no mundo e ajudar outros a voar.

Elisabete Anacleto Pessanha

DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado a todos os moradores das favelas do Brasil, especialmente às de Niterói, cidade onde nasci e cresci. Dedico-o a todas as mães que perderam seus filhos de maneira violenta e tiveram seus choros sufocados pela negligência e pela falta de justiça.

Dedico também a todos aqueles que vivem nas periferias e são a base desta sociedade, sustentando-a com sua mão de obra desvalorizada. Aqueles que saem de casa caminhando pelas vielas, no escuro, antes do sol nascer, e enfrentam transportes públicos lotados, percorrendo quilômetros para chegar ao trabalho. Ô, gente cansada! Minha dedicatória vai para o faxineiro, o pedreiro, as babás – que muitas vezes não têm com quem deixar seus filhos e vão cuidar dos filhos de outras pessoas –, os porteiros, os vigias noturnos, os garis, as diaristas, os motoristas, os motoristas de aplicativos, os professores, as merendeiras e o pessoal da limpeza. Dedico também aos entregadores.

A todos eles, meu respeito e minha solidariedade.

Aos que, na volta do trabalho, param no bar para beber uma gelada e anestesiarem a dor do dia a dia. Aos que lotam os cultos das suas igrejas e templos, quase em desespero, suplicando por uma mão.

Dedico àqueles que precisam comprar comida no cartão, um absurdo sem noção, porque não têm dinheiro para pagar sua própria alimentação. A todos que aguardam o fim do ano, acreditando que um novo ciclo possa mudar sua realidade. Aos que festejam o futebol na porta da birrosca e aos que esperam o Carnaval para extravasar suas emoções.

Às mães que choram a saudade daquele filho que não vai mais voltar.

SUMÁRIO

- 7 APRESENTAÇÃO
- 9 DEDICATÓRIA
- 13 INTRODUÇÃO
- 15 PREFÁCIO
- 19 CAPÍTULO 1
O DESPERTAR
- 23 CAPÍTULO 2
A VIDA VISTA PELA ÓTICA DE UMA CRIANÇA
- 27 CAPÍTULO 3
AS DESCOBERTAS QUE TE FAZEM REFLETIR
- 31 CAPÍTULO 4
OBSERVANDO DE DENTRO DO CASULO
- 39 CAPÍTULO 5
APRENDENDO A NÃO SE DISTRAIR
- 53 CAPÍTULO 6
OS SUSSURROS NO OUVIDO
- 63 CAPÍTULO 7
RAIZ E IDENTIDADE
- 67 CAPÍTULO 8
O DESCASO E A EXPLOSÃO
- 75 CAPÍTULO 9
AS MEMÓRIAS DA ÁFRICA
- 83 CAPÍTULO 10
EU TENHO UM SONHO! SIM!
- 89 CAPÍTULO 11
O VÔO MAIS IMPORTANTE É O DE VOLTA PARA CASA
- 93 CAPÍTULO 12
SEM MORDAÇAS
- 97 CAPÍTULO 13
UMA BORBOLETA NÃO VOA SOZINHA
- 103 EPÍLOGO



INTRODUÇÃO

Depois de um sono profundo, a borboleta precisa despertar para o seu primeiro voo e não é fácil; não é simples fazê-lo depois de tanto tempo no casulo. No processo de metamorfose tudo é delicado, até mesmo bater as asas. É o tempo do autoconhecimento, é o tempo da paciência, de saber quem somos e para o que viemos. É a magia da descoberta de se enxergar dentro de um contexto onde a futilidade das construções são sutis e te paralisam a ponto de você não se perceber.

As asas da borboleta não cumprem o seu papel se estiverem frias e úmidas e assim é o ser humano no processo de transformação. Se não estiver pronto, não vai poder voar. Voar no sentido figurado, é claro. Mas depois do autoconhecimento, se vive com mais leveza, quase um voo de fato. Tudo fica harmonioso.

Estamos todos em uma experiência aqui e agora. Entendemos que é tudo uma passagem e o que acumulamos aqui vai ficar. Partiremos como viemos: nus. Quando vejo a história de Jesus, Nelson Mandela, Martin Luther King, Gandhi e muitos outros, observo como eles cumpriram as suas missões com louvor aqui nessa Terra, nesse lugar. Mas, e nós?

O despertar da Borboleta é quando você se silencia e escuta aquele seu sexto sentido aflorar e reflete de

que modo você pode ser útil nesse lugar. O tempo é um mestre e um vilão. Ele se apresenta descompromissado, mas quando nos damos conta já se passaram 20 anos, 30 anos, 60 anos e percebemos então que estamos indo ao encontro da finitude.

Estou feliz pelo rumo que a minha vida tomou depois que me descobri como protagonista da minha história. Foi um encontro comigo, com as minhas fragilidades, com as minhas limitações, com a força que eu tenho e como eu poderia usá-la para ser melhor. Tudo isso só aconteceu depois desse tempo em que eu me dediquei a escrever e me rever na minha escrevivência.

O Despertar da Borboleta tem a ver com tudo isso. É como dizia Sócrates, Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses. Conhecer a si mesmo é o princípio de tudo. É saber que as suas atitudes serão baseadas em reflexões. Você controla mais a impulsividade e não salta na escuridão, porém, tudo isso também te faz perceber que, por mais jovem que você seja, você está sempre na fila para partir. O despertar te leva a essa consciência. Mas outras coisas também ficaram claras e eu fui desatando as minhas amarras; aquelas que me limitavam. Hoje vejo tudo mais nítido e O Despertar da Borboleta me ajudou nessa missão. Vamos lá?

Boa leitura.



PREFÁCIO

Ora, lembrando-se de sua primeira morada, da sabedoria que nela se professava e dos que ali foram os seus companheiros de cativeiro, não crês que se rejubilará com a mudança e que lastimará estes últimos?

Platão - Livro VII da República, 516c

Do casulo ao despertar, Laila dos Santos persevera na caminhada da libertação. Desde o seu primeiro livro - que agora ganha uma merecida continuação - a metáfora da borboleta nos convida a observar a Natureza, essa senhora dos maiores espetáculos. Rompida a cápsula protetora, chegou a hora de bater as asas e voar. Mas não se enganem, pois aqui a liberdade é um conceito coletivo. Nenhuma conquista é completamente solitária, já que tudo na vida é cooperação. Seguindo os passos narrados pelo filósofo, a autora sai da caverna, decide não encarar a luz que cega os olhos e abre as costas para os raios, na esperança de que estes iluminem a trilha de retorno ao lar paterno.

A paternidade também faz parte dessa história. Quando Laila fala do seu pai, tão carinhosamente, sopra um vento capaz de suavizar a solidão de milhões de adultos que, por uma razão ou por outra, nunca souberam o que é ter

um. Com ele, aprendemos a ler ainda que as circunstâncias sejam completamente desfavoráveis. Com ela, aprendemos a amar e a perdoar. A dupla convida os homens a assumirmos de vez essa responsabilidade inadiável de cuidar dos pequeninos, nossos filhos ou não. Afinal, “é preciso toda uma aldeia para educar uma criança”, repete o sábio provérbio africano. No Brasil verdadeiro, esse convite soa como um mandamento, pois aqui o abandono é regra.

Mas “O despertar da borboleta” é um livro de muitos outros temas. Quem o lê, de olhos e corações abertos, pega carona nesse voo sublime entre passado, presente e futuro; do público ao mais íntimo.

O passado funciona como um poderoso amuleto, do tipo que se carrega firmemente por toda parte.

O presente convoca à ação. Não há tempo a perder para quem reconhece nas suas origens uma marca indelével.

O futuro a nós pertence - não sem a consciência tranquila de quem deposita nele a sua fé.

Encantados pelo voo da borboleta, guia alada, todos nos encontramos no espaço público da favela. Niterói-Roma-Niterói formam uma linha única no mapa, sobre a qual Laila destaca a sua aldeia com a certeza de que não é possível falar do global sem viver o local. É na favela brasileira onde seguem escancarados os passados presentes da raça, categoria inventada que jamais deve ser negada e da qual eu, um homem branco no Brasil, não posso me esquivar. Lá também está a escola pública, tímida, com aspecto de templo arruinado; cemitério de Darcy Ribeiro e tantos outros e tantas outras que lutaram e que lutam pela Educação de qualidade no país. Laila faz parte desse elenco. Parecem áridas as terras brasileiras, mas a sementeira há de frutificar. Sem política, nada disso é possível, e o recado está dado: devemos ir além das urnas. A revolução se faz todos os dias.

Na intimidade, os tambores seguem as batidas do coração, que ecoam no ritmo das palavras rimadas. O livro também é espiritual porque localiza a religiosidade na caminhada libertadora, mas o ser humano se esquece. A autora entende que a riqueza não está nos objetos, mas no valor que atribuímos a eles e, principalmente, às relações que construímos. Rico mesmo é quem tem olhos de ver a riqueza dos sabores e saberes dessa terra plural. A riqueza está na gente.

Gente que aprende e ensina, no rico processo repetitivo de bater as asas da liberdade para depois voltar ao ninho. O processo é contínuo, infinito. O que não se pode é cair no egoísmo de deixar para trás quem fica pelo caminho. No casulo, Laila aprendeu a ler. Aqui, no despertar, ela ensina aos camaradas.¹ Mas, novamente, não se enganem: o processo também é árduo, penoso. Para a autora, o ato de escrever não é trivial, pois sugere uma dor que rasga a pele “como navalha sem anestesia”.

Talvez seja esse o preço de despertar as boas almas adormecidas. Como na alegoria do filósofo, o retorno ao cativeiro precede duros embates, porém necessários. É preciso mostrar aos seus, aos nossos, que não existe prisão maior que a da alma.

O trabalho apenas começa.

Daniel Pimentel em
setembro de 2023.



CAPÍTULO 1

O DESPERTAR

Eu, enquanto feto, estava presa dentro de um útero que parecia um casulo, com uma lagarta que passa por uma metamorfose lenta e perfeita. Estava tudo estreito e ao mesmo tempo confortável. A cor da minha pele e o sexo que eu viria já estava decidido no Orum. Estava tudo combinado com o meu consentimento. Eu estava tão confortável durante essa metamorfose que me coloquei sentada, obrigando um parto cesáreo no dia 2 de abril de 1971. Às 7 da noite, com a bênção das estrelas e a lua de São Jorge, o grande guerreiro.

O primeiro respiro, fora do casulo quente do útero da minha mãe, foi para que tudo fosse esquecido, até mesmo os acordos pré estabelecidos para a minha viagem até aqui. Por motivos definidos anteriormente, não me permitiram lembrar por qual motivo nasceria. A constituição familiar, também combinada previamente, se construiu para mim como uma grande e, por alguns momentos, harmoniosa experiência de dor e alegria. Pais alcoólatras, irmãos indiferentes e eu, com os meus olhos negros de jabuticaba, observando como águia todo o ambiente e admirando esse novo mundo sem entender o que eu teria que fazer. Mas, antes de fazer, entender ou lembrar o que ficou combinado, precisava passar por cercas de arame farpado. Sim! Daquelas

que você se rasga e se arranha e, para não apanhar em casa, sufoca o choro com as mãos na boca. E você? Nunca fez isso? Não sorria e não se espante. Acontece com crianças que adoram uma aventura.

Eu, menina negra, nascida em uma família pobre onde faltava tudo, fui dada como tutela a um grande guerreiro, conforme combinado no Orum. Ele, filho de Adão e Esperança, se chamava Lázaro, como o santo de quem era devoto e era aqui apelidado de Negão pelos amigos e companheiros, mas, por mim era chamado de pai. Meu pai Lázaro.

É tudo muito bem organizado antes de chegarmos aqui: a data, a hora, o tempo e o momento; Áries como signo, Escorpião como ascendente, o que por natureza tem um veneno que pode ser mortal, e a Lua em Aquário, sem raízes fixas. Essa combinação me deu a leveza da borboleta e a força do búfalo como companheiras. Cresci correndo descalça e subindo nas árvores. Os dedos sempre ralados pelo cerol das cafifas e as brigas constantes com os meninos demonstraram que não seria fácil dobrar essa cabeça. Ouvia a minha mãe gritar: “Venha cá, essa menina! Parece moleque macho, vive brigando na rua”. Mas, dentro de casa, eu, a caçula de 4 filhos, era silenciosa e observadora. Atenta como ninguém previa, me dediquei à leitura ainda na tenra idade, incentivada pelo filho da mansidão, meu pai, que não tinha a menor noção da sua importância na minha formação, porque a ele também não foi dada a permissão de recordar. Mas tendo sido estimulado por sussurros nos ouvidos enquanto dormia, me deixou preparada antes de partir. Meu pai era um guerreiro negro de um metro e noventa que possuía um sorriso encantador, a educação de um nobre Rei africano e a delicadeza de uma dama. Ele, devido às suas fragilidades humanas e lutas vividas, refugiou-se na cachaça, mas lutava e resistia por amor e, nos momentos de abstinência, lia para mim Machado de Assis.

Nossa casa era feita de barro vermelho e bambu, o que me lembrava o quilombo que meu pai tanto falava e a escola ensinava em seus livros nas salas de aulas. Aos 7 anos fiquei impressionada com um negro, que teve a cabeça arrancada e exposta em praça pública, me causando horror só de pensar. Eu não queria que a cabeça do meu grande guerreiro fosse decepada. “Oh, meu pai! Que você tenha sempre a cabeça no lugar!” Então, eu ficava quietinha, porque eles poderiam nos machucar. Não falar disso com profundidade, poderia acalmar a fera que decepou a cabeça do homem negro que só queria liberdade. Que pavor aquela história me causava! Imagina ao negro que previu a sua cabeça decepada. As mordanças estavam começando a ser colocadas em mim.

“Ah Anastácia! O que fizeste para ser tão castigada?” Eu, aos 12 anos, me perguntei: “porque tentaram te calar?” “É melhor não falar, eu não quero que coloquem mordança na minha mãe. Mordança nela não! E nem mordança em mim.” Eu era só uma criança, e aquela mulher tão silenciosa com marcas profundas na pele não podia ser maltratada. É! Estou falando a verdade, ela, minha mãe, está toda marcada por causa de uma panela de feijão quente que mal equilibrada em um fogão à lenha improvisado virou sobre o corpo macio dela e grandes marcas deixou. Ela só queria alimentar os seus filhos e o feijão fervendo, caiu em cima dos peitos dela e escorreu pela sua barriga. Aqueles seios, ora feridos e com as peles soltando. Os mesmos seios que com o seu leite quente tanto me alimentaram e me deram segurança! “Mordança não! Melhor não falar sobre isso.” E eu me calei.

Um dia perguntei ao meu pai: - “Pai! Porque a polícia é tão agressiva com os negros? Se eles vierem me maltratar, eu vou falar.” - e meu pai me disse: “Filha, se você responder eles te batem. O melhor é ficar quietinha e não olhar nos olhos deles” – Então eu pensei: “isso não é justo!” – e em silêncio fiquei. No entanto, eu estava

externamente silenciosa e com um movimento interno que parecia um oceano em dias de tempestade. Como assim ficar quietinha? Eu queria falar, convencer ao agressor que humilhação e a violência, eu não poderia aceitar. Mas para quem falar? Ninguém iria me ouvir e mesmo se eu tentasse, não conseguiria me explicar. E nesse momento a lagarta volta com a cabeça para dentro do casulo porque ainda não é a hora de sair e não se pode antecipar.

Para conhecer o catálogo de publicações e os autores da Editora Ubaldo, acesse nosso site e acompanhe nossos canais oficiais. Lá, você encontrará informações atualizadas sobre lançamentos, conteúdos exclusivos e oportunidades de participação em promoções e sorteios.

www.ubaldo.com.br

